



Tão perto e tão distante: a comunicação política da Prefeitura Municipal de Porto Alegre através das placas de obras¹

Sérgio Roberto TREIN²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, RS

Resumo

O objetivo desta pesquisa é o de compreender a estrutura das mensagens verbais e visuais das placas de obras e de que forma uma administração pública municipal utiliza este tipo de publicidade como um instrumento de comunicação política e persuasiva. O estudo foi aplicado junto à Prefeitura de Porto Alegre, em especial, em relação às placas de obras do Projeto Integrado Socioambiental (PISA), programa de maior investimento da atual gestão municipal. A partir de um *corpus* formado por três placas de obras do PISA, procuramos interpretar as tipologias visuais encontradas nas publicidades, com base nos estudos de Georges Pèninou, e a estrutura linguageira das mensagens, conforme a proposta de Análise de Discurso desenvolvida por Patrick Charaudeau.

Palavras-chave: comunicação política; cidades; placas de obra; política; persuasão

Introdução

Desde que surgiu, o cartaz passou a desempenhar as funções de informar as pessoas; fazer propaganda ou publicidade; educar os indivíduos sobre determinados hábitos e comportamentos; cumprir um papel social na ambiência urbana, especialmente no sentido de ocupar espaços; função estética, pois o cartaz enfeita a cidade; e uma função criadora, uma vez que o cartaz estimula a criação e a produção de artistas.

¹ Trabalho apresentado no GP Publicidade – Propaganda Política Teorias do Jornalismo do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação Política. Professor dos cursos de Comunicação Social e Coordenador do curso de Publicidade e Propaganda na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: sergiotrein@uol.com.br



Aos poucos, placas e cartazes de todo o tipo passaram a frequentar as ruas, as praças, as feiras, as festas públicas etc. Para Moles (1974, p. 219), “um dos mais importantes aspectos do cartaz é o seu papel e o seu lugar na cidade. O cartaz tem quase sempre um destino urbano”. Com o advento de novas tecnologias e processos cada vez mais modernos de impressão, o cartaz acabou influenciando e gerando novos usos de mídia exterior e, com isso, novas possibilidades de comunicação. Segundo o autor, entre os diversos segmentos da sociedade que passaram a se valer destes novos formatos está a política, para veicular suas mensagens e se dirigir aos cidadãos, como um meio de comunicar suas ações.

Um destes canais, que já faz parte da paisagem urbana das cidades, são as placas de obras. Como o próprio nome diz, é um tipo de publicidade que deve ser colocado junto às obras que estão sendo executadas pelas administrações públicas, descrevendo o nome do projeto e informando qual o seu objetivo. Pode-se dizer que as placas de obras são a oportunidade que os governos têm de entrar nas comunidades e mostrar o seu trabalho. Com isso, além de divulgar a sua marca, o poder público – tanto federal, como estadual ou municipal – pode comprovar aos indivíduos e à sociedade que está cumprindo o seu papel estabelecido no contrato social.

O objetivo desta pesquisa é o de compreender como uma prefeitura municipal – no caso, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre – atua sobre o espaço público da sua própria cidade, em termos de estética e de fluxo de informações, a partir da comunicação desenvolvida através das placas de obras. Como suporte metodológico para esta pesquisa, utilizou-se os estudos de Georges Pèninou (1976) quanto às tipologias visuais e a proposta de Análise de Discurso desenvolvida por Patrick Charaudeau (2008). O *corpus* de investigação é composto por três placas de obras do Projeto Integrado Socioambiental, que é considerado, segundo a própria Prefeitura de Porto Alegre, o programa de maior investimento da administração municipal. Além disso, é um programa cujas ações de comunicação ocorrem apenas através da *internet* e das placas de obras.

As placas de obras como um canal de comunicação com a população de Porto Alegre

De acordo com Pèninou (1976), as tipologias visuais dividem-se em quatro grupos: os códigos cromáticos, os códigos tipográficos, os códigos fotográficos e os códigos morfológicos. Segundo o Manual de Confecção de Placas desenvolvido pela Prefeitura de Porto Alegre, os códigos cromáticos devem ser os seguintes: são seis áreas de fundo, duas delas na cor preta, duas em tons de cinza, uma amarela e a outra na cor branca; e, em cada um destes fundos, as mensagens devem ser escritas nas cores branco, preto e cinza, conforme mostra a figura a seguir, em uma comparação entre o layout proposto pelo Manual e as três amostras que compõem o *corpus* de pesquisa:



Fig. 1: Comparação entre o *layout* do Manual de Confecção de Placas e as três placas analisadas (Fonte: acervo do autor)

Em relação aos códigos tipográficos, podemos observar que, em duas das placas, não é seguido o Manual da Prefeitura Municipal. No caso, a fonte de letra escolhida deveria ser a Helvética, que, segundo Lins (2004), pertence à família tipográfica das fontes sem serifa e, em função de sua legibilidade, é considerada uma das mais populares em todo o mundo. Nas placas “Reforma da EBE Ponta da Cadeia e construção da chaminé de equilíbrio” e “Execução do emissário de esgoto sanitário EBE Ponta da Cadeia – EBE Cristal – trecho terrestre”, mesmo que as mensagens sejam

escritas em uma família de letras muito parecida com a Helvética, não é esta a fonte de letra utilizada.

Além disso, o nome da obra na placa “Execução do emissário de esgoto sanitário EBE Ponta da Cadeia – EBE Cristal – trecho terrestre” foi escrito todo ele em letras maiúsculas, o que também desobedece o Manual. Segundo César (2000), as letras maiúsculas no título de uma publicidade dificultam a leitura, uma vez que não há uma quebra da monotonia visual. A única publicidade cujos códigos tipográficos correspondem ao modelo estabelecido pelo Manual de Confecção de Placas, é a placa “Construção das estações elevatórias e chaminés de equilíbrio EBE’s Cristal e C2”.

Quanto aos códigos morfológicos, aparentemente, na comparação dos *layouts*, há uma unidade entre eles. Porém, percebe-se que as placas “Reforma da EBE Ponta da Cadeia e construção da chaminé de equilíbrio” e “Execução do emissário de esgoto sanitário EBE Ponta da Cadeia – EBE Cristal – trecho terrestre” não seguem alguns itens-padrão estabelecidos pelo Manual de Confecção de Placas, tais como: aplicação da logomarca do agente financiador da obra, que, no caso, é a Caixa Econômica Federal; quem é o responsável técnico pela obra; além da própria descrição do que seja a obra.

Apenas na placa “Construção das estações elevatórias e chaminés de equilíbrio EBE’s Cristal e C2” consta a logomarca do agente financiador da obra, que é o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Porém, foi aplicada apenas a logomarca do BID, sem o identificador “Banco Interamericano de Desenvolvimento”, o que dificulta a compreensão deste órgão.

Na comparação dos *layouts*, em relação aos códigos morfológicos, observa-se que há uma diferença importante de comunicação política, nas placas “Reforma da EBE Ponta da Cadeia e construção da chaminé de equilíbrio” e “Construção das estações elevatórias e chaminés de equilíbrio EBE’s Cristal e C2”: ou seja, o *slogan* aplicado junto à logomarca da administração municipal, nas duas publicidades, não é a mesmo proposto pelo Manual. Pela figura a seguir podemos verificar esta diferença:

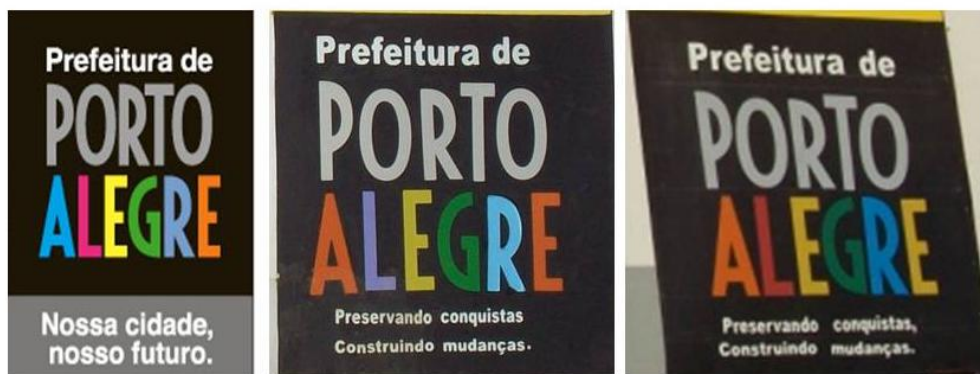


Fig. 2: Comparação entre os *slogans* veiculados nas placas (Fonte: acervo do autor)

No caso da placa “Reforma da EBE Ponta da Cadeia e construção da chaminé de equilíbrio”, a obra foi iniciada em 2008. Nesta época, o *slogan* da Prefeitura era “Preservando conquistas, construindo mudanças”. Somente a partir de 2009 é que o *slogan* da administração passou a ser “Nossa cidade, nosso futuro”. Ainda assim, a área a ser alterada, comparando-se com o tamanho da placa, é de fácil manutenção. Bastaria apenas uma repintura, modificando e atualizando o *slogan*. Já no caso da placa “Construção das estações elevatórias e chaminés de equilíbrio EBE’s Cristal e C2”, que foi colocada em 2010, não se justifica a aplicação equivocada do *slogan*.

Outro aspecto a ser ressaltado, sobre os códigos morfológicos, é que, embora o Manual não faça nenhuma referência quanto à necessidade de informar a qual projeto pertence a obra, não é feita qualquer menção ao Projeto Integrado Socioambiental nas três placas. Entretanto, conforme a própria Prefeitura de Porto Alegre, trata-se do maior projeto desenvolvido pela administração municipal.

Além das tipologias visuais, para que se pudesse compreender melhor a estrutura linguageira das três placas que compõem o *corpus* de investigação, procuramos desconstruir uma por uma das mensagens e estudá-las de acordo com a sua construção discursiva. Inicialmente são analisadas todas as mensagens que obedecem aos princípios de organização do modo enunciativo; em seguida, aquelas que obedecem ao princípio descritivo; e, por fim, as do modo argumentativo; definidos por Charaudeau (2008).

Com base no modo de organização enunciativo, podemos encontrar as seguintes informações nas placas: valor da obra e as datas de início e de previsão de término da

obra³. Entretanto, nas três publicidades analisadas não é informado o nome da firma empreiteira, assim como também não consta o nome do responsável técnico pela obra. Esta última informação é veiculada apenas na placa “Execução do emissário de esgoto sanitário EBE Ponta da Cadeia – EBE Cristal – trecho terrestre”, como se vê na figura a seguir:



Fig. 3: Órgão responsável pela obra, firma empreiteira, responsável técnico e datas de início e previsão de término (Fonte: Acervo do autor)

O outro enunciado encontrado nas placas é o próprio nome das obras, conforme as figuras abaixo:



Fig. 4: Nome da obra – placa 1 (Fonte: Acervo do autor)

³ Segundo a Lei Orgânica do Município de Porto Alegre, devem ser informados o nome da obra, o órgão ou a entidade responsável, a firma empreiteira, o responsável técnico, a data de início dos trabalhos e a data prevista para a sua conclusão.



Fig. 5: Nome da obra – placa 2 (Fonte: Acervo do autor)



Fig. 6: Nome da obra – placa 3 (Fonte: Acervo do autor)

O segundo modo de organização do discurso, como afirma Charaudeau (2008), é o modo descritivo, que, em uma situação de comunicação, tem a função de identificar e qualificar. Por isso, completa o autor, as mensagens deste tipo de construção discursiva devem ser analisadas a partir de três tipos de componentes: o nomear, o localizar-situar e o qualificar. No processo de desconstrução das mensagens presentes nas placas, o modo de organização descritivo foi encontrado em dois momentos. No primeiro deles, conforme as figuras a seguir:



Fig. 7: Descrição do nome da obra – placa 1 (Fonte: Acervo do autor)

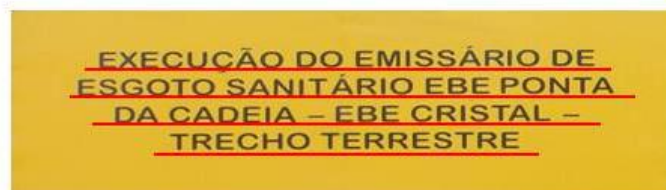


Fig. 8: Descrição do nome da obra – placa 2 (Fonte: Acervo do autor)



Fig. 9: Descrição do nome da obra – placa 3 (Fonte: Acervo do autor)

Mesmo que sejam, também, um enunciado, as mensagens acabam servindo de encenação para o modo descritivo. Na primeira placa, é possível identificar dois elementos com características descritivas: “reforma da EBE Ponta da Cadeia” e “construção da chaminé de equilíbrio”. Na segunda placa: “execução do emissário de esgoto sanitário”, “EBE Ponta da Cadeia – EBE Cristal” e “trecho terrestre”. Por fim, na terceira placa: “construção das estações elevatórias”, “(construção das)⁴ chaminés de equilíbrio” e “EBE’s Cristal e C2”.

Todas as mensagens obedecem aos mesmos critérios de construção descritiva, segundo Charaudeau (2008), que são o nomear, situar-localizar e qualificar. O nomear é dar existência a um ser, é fazer existir seres significantes, fazer com que algo seja. Para isso, utiliza procedimentos de identificação, tais como representar o nomeado por nomes comuns, identificando-o de forma genérica; por nomes próprios, se for para identificar de maneira específica; ou ainda, em função de suas qualidades, classificando por meio de subgrupos ou alguma outra caracterização identificatória.

Na placa “Reforma da EBE Ponta da Cadeia e construção da chaminé de equilíbrio”, em relação à denominação EBE Ponta da Cadeia, é utilizado um nome próprio. Porém, como já dito anteriormente, o que significa a sigla EBE? Não é uma abreviatura suficientemente clara para a população, que indique que se trata da Estação de Bombeamento de Esgotos. Da mesma forma pode-se questionar o termo Ponta da Cadeia. Segundo autores como Macedo (1993), Oliveira (1985), Souza Doca (1941) e Spalding (1967), até a década de 1960, ao lado da Usina do Gasômetro, havia uma cadeia. Mas, como logradouro público e, também, nos mapas da cidade, o nome Ponta da Cadeia já não é mais utilizado. Com isso, o nome EBE Ponta da Cadeia corre o risco de não fazer o menor sentido para a população em geral.

Isso se reflete em outro componente na construção descritiva, que é o localizar-situar. Como o nome Ponta da Cadeia não fazer parte do contexto geográfico urbano

⁴ A expressão “construção das chaminés de equilíbrio” não consta na placa, entretanto, fica subentendido que se trata disso.



atual, a construção descritiva fica prejudicada. Por fim, o terceiro componente deste processo de construção descritiva é o qualificar, que procura reduzir a capacidade infinita de interpretações, atribuindo um sentido mais particular: da acumulação de detalhes e de precisões, em geral, com termos especializados e mais ou menos técnicos; e a utilização de analogias, pelo emprego de termos de comparação ou de analogias, metáforas, etc. A mensagem “reforma EBE Ponta da Cadeia” se aproxima mais do primeiro procedimento, embora o termo “reforma” não seja tão explícito, no sentido de informar exatamente o que está sendo reformado. Ainda assim, a palavra “reforma” confere à obra certo sentido de qualificação, pois, se ela está sendo reformada, é porque ela existe. E, se existe, tem alguma função para a infraestrutura do município.

Já a análise da expressão “construção da chaminé de equilíbrio” é um pouco mais complexa. A começar pela questão do nomear. O próprio termo chaminé de equilíbrio gera problemas de interpretação e, até mesmo, uma espécie de contradição. Ou seja, toda chaminé é, essencialmente, reta. Sendo assim, além de não ser uma informação clara, do que seria uma chaminé de equilíbrio, ainda coloca em dúvida se haveriam ou não chaminés desequilibradas. Na verdade, o equilíbrio, a que se refere a mensagem, é o equilíbrio ambiental, uma vez que os dejetos são tratados nesta chaminé, ao invés de serem lançados diretamente no Rio Guaíba, que banha a cidade. Talvez, então, devesse ser nomeada como “chaminé de equilíbrio ambiental”.

Quanto ao segundo componente na construção descritiva, que é o localizar-situar, não é utilizado nenhum procedimento linguístico neste sentido. Em relação ao terceiro componente da construção descritiva, o qualificar, de acordo com os estudos de Charaudeau (2008), o que se observa é a utilização do procedimento linguístico da acumulação de detalhes e de precisões. Mesmo que a expressão chaminé de equilíbrio não seja suficientemente clara, ela se constitui em um termo técnico.

Na publicidade “Execução do emissário de esgoto sanitário EBE Ponta da Cadeia – EBE Cristal – trecho terrestre”, inicialmente, na mensagem “execução do emissário de esgoto sanitário”, o nomear, de acordo com as definições de Charaudeau (2008), utiliza uma denominação genérica, pois, da forma como se apresenta, trata-se de um emissário de esgotos qualquer. Na verdade, a obra pertence ao Projeto Integrado Socioambiental, mesmo que não seja feita esta referência. Em relação ao segundo componente da construção descritiva, o localizar-situar, pode-se afirmar que não é utilizado nenhum procedimento linguístico neste sentido. Já no qualificar, segundo

Charaudeau (2008), é utilizada a acumulação de detalhes e de precisões; afinal de contas, execução do emissário de esgoto sanitário é um termo técnico.

Na segunda mensagem, “EBE Ponta da Cadeia – EBE Cristal”, o componente nomear utiliza-se de um nome próprio, o que permite identificar a obra de maneira específica. Ou seja, é um projeto realizado naquele trecho da cidade, ainda que o termo Ponta da Cadeia não seja mais usado. Com isso, ao mesmo tempo, no componente localizar-situar, a mensagem utiliza um procedimento preciso, delimita exatamente a região onde será executada a obra. E, também, no qualificar, vale-se da acumulação de detalhes e de precisões.

Quanto à mensagem “trecho terrestre”, no nomear o termo pode ser classificado como um subgrupo, pois, em outra publicidade do Projeto Integrado Socioambiental, não utilizada no *corpus* desta pesquisa, há uma afirmação que parte da obra será realizada por trecho subaquático. Em relação ao componente localizar-situar, não há nenhum procedimento linguístico neste sentido, uma vez que a mensagem não descreve por qual trecho terrestre será desenvolvida a obra. Da mesma forma, no componente qualificar, também não é utilizado nenhum procedimento.

Na terceira placa, encontramos duas mensagens descritivas com uma condição muito semelhante à mensagem “construção da chaminé de equilíbrio”, analisada na primeira placa: “construção das estações elevatórias” e “(construção das) chaminés de equilíbrio”. Ou seja, as mensagens não utilizam um nome próprio. Também não localizam-situam e nem qualificam.

A terceira mensagem é a expressão “EBE’s Cristal e C2”. No caso, trata-se de um nome próprio, mesmo que o significado da sigla EBE não seja claro. Se, entretanto, a compreensão desta mensagem já era difícil, mais ainda é entender o que significa “C2”. Neste caso, pode-se dizer que não se trata de um nome próprio, de uma identificação genérica e nem da classificação de um subgrupo. É impossível que, por apenas uma letra e um número, alguém saiba que C2 seja, na verdade, Estação de Bombeamento de Esgotos do bairro Cavahada. Consequentemente, esta questão do nomear acabando influenciando o outro componente da construção descritiva, que é o localizar-situar. A sigla “C2” não permite afirmar absolutamente nada em termos de localização. O mesmo problema vai ocorrer quanto ao componente qualificar.

O segundo momento em que o modo de organização descritivo pode ser encontrado na placa, é na parte de descrição do objeto da obra. Contudo, das três placas analisadas, apenas na publicidade “Execução do emissário de esgoto sanitário EBE

Ponta da Cadeia – EBE Cristal – trecho terrestre”, consta esta informação, como pode ser observado pela figura na sequência:

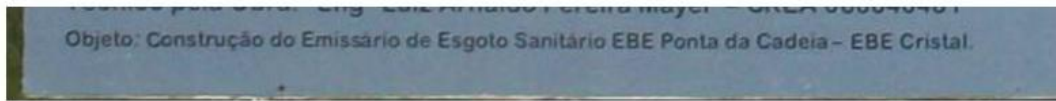


Fig. 10: Descrição do objeto da obra (Fonte: Acervo do autor)

Nesta mensagem, o procedimento nomear foi representado pelo uso do nome próprio, pois identifica a obra de maneira específica. Ou seja, trata-se da construção do emissário de esgoto sanitário entre as Estações de Bombeamento de Esgoto Ponta da Cadeia e Cristal. Também utiliza termos precisos para localizar-situar a obra. Por fim, no qualificar, vale-se da acumulação de detalhes e de precisões.

Diferente dos outros tipos de organização discursiva, o modo argumentativo, de acordo com Charaudeau (2008), é uma atividade discursiva que busca bem mais a influência persuasiva. Nas placas que estão sendo analisadas, foram encontradas duas mensagens argumentativas. A primeira delas é esta, presente em todo o *corpus* de pesquisa:



Fig. 11: “Prefeitura trabalhando, cidade melhorando” (Fonte: Acervo do autor)

No modo de organização argumentativo, como afirma Charaudeau (2008), inicialmente, é preciso haver uma asserção de partida (A1), constituída a partir de um enunciado. No caso, este A1 é “prefeitura trabalhando”. A partir desta mensagem, então, decorre uma consequência, chamada de asserção de chegada (A2), representada pela expressão “cidade melhorando”. A asserção de chegada significa o que deve ser aceito em função da asserção de partida, ou seja, é a conclusão da relação argumentativa. O terceiro elemento básico da lógica argumentativa é a asserção de passagem, pois a relação de passagem de A1 para A2 não ocorre de maneira arbitrária. Para Charaudeau (2008), a asserção de passagem, frequentemente, é chamada de prova, inferência ou argumento, é o que justifica a relação de causalidade entre A1 e A2. Nas três placas, as provas ou os argumentos são os enunciados “reforma da EBE Ponta da Cadeia e construção da chaminé de equilíbrio”, “execução do emissário de esgoto

sanitário EBE Ponta da Cadeia – EBE Cristal – trecho terrestre” e “construção das estações elevatórias e chaminés de equilíbrio EBE’s Cristal e C2”.

Entretanto, este processo de ligação entre as asserções não se dá, simplesmente, pela mera junção das mensagens. Na organização do discursivo argumentativo, segundo Charaudeau (2008), é necessário que haja um modo de encadeamento, que, por sua vez, estabeleça uma relação de causalidade entre A1 e A2. Na mensagem “prefeitura trabalhando, cidade melhorando”, verifica-se o encadeamento através do modo consequência, pois a intenção persuasiva é a de levar a crer que a cidade está melhorando em função do trabalho desenvolvido pela prefeitura. Ou seja, A2 (a cidade melhorar) só ocorre por causa de A1 (prefeitura trabalhando).

Embora haja uma clara tentativa de convencimento neste sentido, de que a cidade vai melhorar porque a prefeitura está trabalhando, não se pode afirmar que a passagem pertença ao domínio do obrigatório. Para impor este raciocínio, a frase “prefeitura trabalhando, cidade melhorando” utiliza, também, a técnica de persuasão da simplificação, definida por Roiz (1994), que procura reduzir a interpretação sempre a dois campos, geralmente opostos e contraditórios. Ou seja, a cidade só está melhorando, porque a prefeitura está trabalhando.

Como a frase “prefeitura trabalhando, cidade melhorando” deve ser aplicada em todas as placas de obras, segundo o padrão visual estabelecido pelo Manual de Confecção de Placas, pode-se dizer que se trata de uma generalização. Ou seja, percebe-se a adoção de outra técnica de persuasão, classificada por Roiz (1994), que seria a repetição de temas e ideias de forma sistemática. Por outro lado, porém, Canclini (2002) afirma que as pessoas não têm uma noção exata do espaço urbano e de tudo o que acontece e que se realiza e executa nele. Sendo assim, a simples argumentação “prefeitura trabalhando, cidade melhorando” não seria suficiente para que os indivíduos tenham essa percepção sobre o desempenho da prefeitura. Sem a asserção de passagem, o nome da obra, isso não seria possível. Além do mais, especificamente na comunicação do Projeto Integrado Socioambiental, o fato de não haver qualquer identificação do programa nas amostras analisadas, torna cada uma das obras do PISA um caso específico e particular.

Cada vez mais, e por todos os ângulos pelos quais se analise a construção discursiva deste tipo de publicidade, percebe-se a importância que tem o nome da obra no sentido da compreensão das mensagens. Porém, como a Prefeitura de Porto Alegre não possui nenhum padrão de construção discursiva do nome das obras e ainda permite

que cada órgão, de forma aleatória, denomine as obras conforme a sua própria vontade, interfere na força e capacidade persuasiva das mensagens. As placas representam o poder público municipal. Portanto, elas precisam cumprir a sua função propagandística, em nome da Prefeitura de Porto Alegre.

A segunda mensagem argumentativa encontrada nas placas é o *slogan* da atual gestão da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, “Nossa cidade, nosso futuro”, conforme podemos observar na figura a seguir:

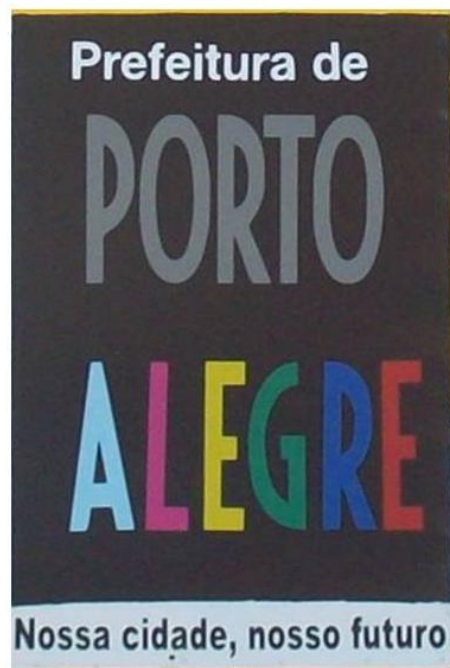


Fig. 12: Frase argumentativa junto à logomarca da administração atual (Fonte: Acervo do autor)

De acordo com Charaudeau (2008), o *slogan* da Prefeitura de Porto Alegre tem uma estrutura argumentativa muito semelhante às mensagens analisadas antes. Resgatando a proposta desenvolvida pelo autor, são necessários três elementos básicos nessa lógica argumentativa: uma asserção de partida (A1), uma asserção de chegada (A2) e uma asserção de passagem. A asserção de partida é a mensagem “Nossa cidade”. Dela, decorre uma consequência, que é a asserção de chegada, no caso, a mensagem “nosso futuro”. Conforme o autor, é a conclusão da relação argumentativa, é o que deve ser aceito em função da partida. Mas esta passagem, de A1 para A2, como afirma Charaudeau (2008), não acontece de forma arbitrária e, sim, por meio da asserção de passagem, cuja função é servir de prova, inferência ou argumento. E, novamente, como



já havia ocorrido na mensagem argumentativa anterior, a asserção de passagem são os enunciados com o nome das obras.

Considerações finais

A conclusão a que chegamos, é que as placas de obras da Prefeitura Municipal de Porto Alegre não possuem uma função propagandística e persuasiva. Em primeiro lugar, conforme a amostra pesquisada, o Manual de Confecção de Placas não é obedecido em vários códigos visuais. Não há uma unidade entre as publicidades. Nos códigos tipográficos, encontramos fontes de letras diferentes nas três placas. Nos códigos cromáticos o maior problema foi nas cores de fundo onde é aplicado o *slogan* e na própria grafia da frase. Já nos códigos morfológicos, observamos que algumas informações constam em uma placa, mas não aparecem nas outras. Não havendo unidade na aplicação dos elementos visuais, não há, também, a repetição, que é uma das técnicas persuasivas.

Da mesma forma, do ponto de vista verbal, o Manual de Confecção de Placas não estabelece um padrão de construção discursiva das mensagens. Se assim o fizesse, poderia determinar quais destas mensagens deveriam ser organizadas segundo o modo enunciativo, descritivo ou argumentativo. Entre outras coisas, a Prefeitura de Porto Alegre poderia evitar o predomínio de termos técnicos no nome das obras publicizadas. Ao invés de expressões como EBE, C2, chaminé de equilíbrio e estações elevatórias, deveriam ser desenvolvidas mensagens que fossem mais próximas da realidade das pessoas, que, em geral, não possuem o mesmo domínio deste vocabulário técnico e nem o utilizam no seu dia-a-dia. Com isso, a administração municipal promoveria um melhor entendimento com a sociedade e daria um tom propagandístico e persuasivo mais forte a suas mensagens.

A própria ausência de qualquer menção ao Projeto Integrado Socioambiental nas placas – que, segundo a Prefeitura de Porto Alegre, não é uma simples obra e, sim, o programa de maior investimento da atual gestão municipal – faz com que estejamos tão perto das placas das obras; porém, em função da dificuldade de compreensão das mensagens, ao mesmo tempo, estamos, ainda, muito distantes delas.



Referências

CANCLINI, Néstor Garcia. Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. Campinas: **Opinião Pública**, v. VIII, n. 1, p. 40-53, 2002.

CÉSAR, Newton. **Direção de arte em propaganda**. São Paulo: Futura, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

LAVIGNE, Alain. La politización de la información del sector público. In: GAUTHIER, Gilles; GOSSELIN, André; MOUCHON, Jean (Orgs.). **Comunicación y política**. Barcelona: Gedisa, 1998.

LINS, Guto. **Helvética: tipo topa tudo**. São Paulo: Edições Rosari, 2004.

MACEDO, Francisco Riopardense de. **História de Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1993.

MOLES, Abraham Antoine. **O cartaz**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

OLIVEIRA, Clóvis Silveira de. **Porto Alegre: a cidade e sua formação**. Porto Alegre: Norma, 1985.

PÈNINOU, Georges. **Semiótica de la publicidad**. Barcelona: Gustavo Gili, 1976.

ROIZ, Miguel Félix. **Técnicas modernas de persuasión**. Madrid: Eudema, 1994.

SOUZA DOCA, Coronel. **O bicentenário da colonização de Porto Alegre**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1941.

SPALDING, Walter. **Pequena história de Porto Alegre**. Porto Alegre: Sulina, 1967.